

Quando a História não cabe no livro: formação docente, mídia cultural e narrativas silenciadas

Jacqueline Rodrigues Antonio¹
Márcia Aparecida Amador Mascia²

Resumo

O livro didático consolidou-se historicamente como elemento natural da sala de aula. No entanto, até que ponto seu uso foi influenciado pela formação de professores? Este artigo busca responder a essa questão ao analisar o discurso presente em um livro destinado à formação docente, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, na passagem do século XIX para o XX, e comparar com críticas ao ensino de História em dois episódios de séries: uma brasileira e outra estadunidense; ambas do início dos anos 2000. Para tanto, foi adotado a perspectiva foucaultiana de análise do discurso e da ação da biopolítica, articulada à noção de “educação menor” de Sílvio Gallo. Dessa forma, o controle da narrativa histórica, estabelecido na formação de professores das Escolas Normais, perpetuou-se no meio educacional; entretanto, questionamentos sobre essa visão única emergem, seja pelas vivências dos estudantes, seja pelo contato com memórias silenciadas sobre os mesmos acontecimentos.

Palavras-chave: Manual Didático. Memória Histórica. Ensino de História. Discurso e Biopoder. Educação Menor.

1. Introdução

Observa-se que há um embate, especialmente nos estados do Paraná e de São Paulo, acerca da utilização de materiais didáticos nas salas de aula dos colégios e escolas estaduais. O uso de plataformas digitais é vigiado pela obrigatoriedade de resolução de atividades disponibilizadas pelo próprio sistema fornecido pela Secretaria Estadual de Educação, com conteúdo exclusivo das plataformas. Há, inclusive, a previsão de diversas punições, que vão desde a exposição de quadros em local de destaque nas escolas para demonstrar a evolução das turmas do desempenho por meio desses testes, até casos de ameaça de transferência, ou a transferência efetiva, do professor ou diretor que não atinja a meta estabelecida.

Isso significa que o professor perde sua liberdade de cátedra para planejar suas aulas de acordo com as particularidades de suas turmas, da região em que a escola está localizada e de seu próprio conhecimento sobre o conteúdo. Não há possibilidade de correção, complementação ou inserção de aspectos relevantes por parte do docente, uma vez que, se o aluno apresentar uma resposta que não esteja prevista no material, o sistema

¹ Universidade São Francisco e lili240386@yahoo.com.br.

² Universidade São Francisco e marciaaam@uol.com.br.

a considera incorreta. Por isso a necessidade de uma análise para a formação docente do ponto de vista do material didático.

Para este artigo, a fundamentação teórica-metodológica será na perspectiva foucaultiana com base no pensamento de “educação menor” de Sílvio Gallo a partir do conceito de micropolítica. O conceito de micropolítica em Gallo (2002), opõe-se às estruturas macropolíticas e às políticas educacionais centralizadas, manifestando-se nas ações cotidianas em sala de aula. Vinculada à “educação menor”, busca desterritorializar os processos educativos, resistindo às narrativas hegemônicas e transformando a sala em espaço de luta. Associada ao rizoma, valoriza experiências singulares, conexões e ativismos militantes diários entre professores e alunos. Assim, evidencia o potencial revolucionário das práticas locais, fundamentais para interpretar os episódios analisados.

A análise do discurso em Foucault (2014) revela como o saber histórico é controlado, selecionado e legitimado, servindo a relações de poder. Aplicada aos episódios das séries, permite compreender como narrativas escolares e didáticas reproduzem restrições, exclusões e verdades normativas no Ensino de História. Com base em Foucault (2010), entende-se que a biopolítica regula corpos e saberes por meio de dispositivos disciplinares. Nesse contexto, o livro ‘Palestras sobre Ensino’, de Parker, ao ser introduzido no Brasil, exemplifica a padronização didática para formar o sujeito republicano ideal.

Como fontes, foi escolhido um capítulo do livro *Palestras sobre Ensino*, de Francis Parker, que trata do Ensino de História. Esse livro foi traduzido para o português no início do século XX, com o objetivo de servir como referência metodológica para aplicação em sala de aula. Também foram selecionados dois episódios: um da série brasileira *Cidade dos Homens*, o primeiro episódio da primeira temporada; e outro da série estadunidense, *Zack e Cody: Gêmeos em Ação*, o episódio trinta e dois da segunda temporada. Ambas as séries são do século XXI. Portanto, essa escolha evidencia que o impacto da obra de Parker na formação de professores, não apenas ultrapassou a transição entre os séculos XIX e XX, mas também exerceu influência em outros países além daquele de origem, consolidando-se como um elemento cultural associado à educação.

2. Uma discussão sobre a formação de professores: a transposição didática no livro didático

A utilização de livros que apresentam um resumo do conteúdo, de forma didática, a ser ministrado na sala de aula é uma prática que, no Brasil, pode ser identificada desde

o Período Imperial. Esses materiais são empregados sob o argumento de que há uma separação entre conteúdos e métodos, no qual o conhecimento advém de modo exclusivo pela academia científica, que a produz, e que os métodos são apenas técnicas pedagógicas. Dessa forma, o conhecimento necessita ser simplificado, ou seja, “didatizado”, para que os estudantes consigam apreender o que é considerado indispensável. Para alguns educadores europeus, “as disciplinas escolares decorrem das *ciências eruditas de referência*, [portanto] dependentes das produções das universidades [por isso] servem como instrumentos de ‘vulgarização’ do conhecimento” (Bittencourt, 2018, p. 28).

Yves Chevallard (1946-...) definiu essa concepção de “transposição didática”, especialmente para o campo da matemática, entendendo a escola como parte de um sistema que reproduz o conhecimento por meio de uma organização mediada pela “noosfera” (conjunto de agentes externos a ela, como os autores de livros didáticos) que “garantem à escola o fluxo e as adaptações dos saberes provenientes das ciências produzidas pela academia” (Bittencourt, 2018, p. 28). Assim, “a escola é o lugar de recepção e de reprodução do conhecimento externo [e o] professor aparece então como um intermediário desse processo de reprodução” (Bittencourt, 2018, p. 29) algo que se pode identificar em cursos de formação de professores. Isto explica o motivo pelo qual, durante muito tempo, a formação de professores apresentou uma tendência a privilegiar a preparação dos futuros profissionais para apreender os métodos de modo que “vulgarizem” os conteúdos acadêmicos em curriculares, em vez de investir também na formação de professores-pesquisadores. Esse último perfil corresponde a um profissional capaz de reproduzir o conteúdo a ser ministrado por meio de uma pesquisa criteriosa de seleção daquilo que ele julga mais adequado para a sua turma, utilizando métodos que julga mais pertinente ao conteúdo e ao alunado, e não algo exclusivamente imposto por agente externo.

O uso de material didático fechado não é exclusividade da educação básica; na formação de professores esse processo também pode ser observado. Nas atuais graduações em licenciaturas na modalidade de Ensino a Distância (EaD), muitos conteúdos são ministrados por meio de livros didáticos que, no caso da História, apresentam uma visão única dos assuntos tratados, sem promover o debate necessário que a Educação e o Letramento Histórico exigem. Considerando, por exemplo, os concluintes do curso de Pedagogia entre os anos de 2019 e 2023, 196.692 formaram-se em cursos presenciais, enquanto 504.933 concluíram cursos EaD (INSTITUTO SEMESP, 2025), que revela uma maior proporção de professores formados a partir de materiais

apostilados. Isso pode levar profissionais recém-formados a acreditarem que os livros já oferecem todo o conteúdo necessário a ser ministrado, dispensando a continuidade das pesquisas, e ações como a que está sendo implementada nos Estados de São Paulo e Paraná auxiliam na corroboração disso. As simplificações para a educação básica já existiam muito antes da teorização de Chevallard e podem ter ocasionado distorções sobre o que é aquela ciência e sua importância para o campo do conhecimento a ser perpetuado para a sociedade.

No caso do conteúdo curricular de História, esse problema ocasionou o senso comum de que o conhecimento histórico é adquirido apenas pela memorização de datas e eventos, sem qualquer estímulo ao pensamento crítico, como se somente esse “coleccionismo” e a simples repetição fossem suficientes. Na mídia, há exemplos que reforçam como essa visão está enraizada na sociedade. Um deles pode ser observado na série *The Big Bang Theory*. No décimo episódio da quinta temporada, ocorre um diálogo entre os personagens Leonard e Sheldon, no qual o primeiro desejava conversar, porém é interrompido pelo Sheldon que diz:

Já que você está profissionalmente estagnado, você está se perguntando se não está na hora de abandonar sua pesquisa e se focar na docência. Sim. E, se me permite, considere trocar de área, para humanas. História, talvez. Uma das vantagens de se dar aula de História é que você não tem que criar coisas. Você só tem que se lembrar das coisas que aconteceram, e repetir tudo. Você pode se divertir com isso (The Flaming Spittoon Acquisition, 2011, 21 min.).

Embora dizeres como esse sejam apresentadas de forma cômica, há um ditado que diz: “toda piada tem um fundo de verdade”. Nesse caso, por estar inserida em um meio de comunicação de massa, a fala expressa uma percepção socialmente difundida sobre a profissão docente, especialmente em História, percepção essa que se vê reforçada com a adoção de materiais didáticos apostilados.

Vale ressaltar que o uso de materiais didáticos na formação docente é um fenômeno que já podia ser observado desde o século XIX no Brasil, com a adoção de materiais didáticos nas Escolas Normais. Além dos materiais usados em aula, havia materiais importados que eram incentivados os professores formados a fazerem a leitura via revistas especializadas em educação do período, como a *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo*. Um caso é do livro estadunidense, do século XIX, que foi traduzido em português no primeiro decênio do século XX, *Palestras sobre Ensino*, de Francis Wayland Parker (1837-1902), traduzido em 1909 por José Stott e organizado por Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925), o primeiro editor da revista em questão. Este material já sugeria uma espécie de

“transposição didática”, do qual discorria sobre o método mais adequado, segundo o autor, de cultivar o amor à pátria pela memorização de eventos históricos selecionados.

3. Orientações educacionais do século XIX para os professores do século XXI: como a mídia retrata o Ensino de História

O Coronel Francis Wayland Parker era considerado, nos Estados Unidos da América (EUA), durante o século XIX e início do século XX, uma referência sobre a educação e nos métodos aplicáveis aos diversos conteúdos curriculares, isto é constatado pelo tributo intitulado *Parker as a regeneration force in American education* feito por William Torrey Harris (1835-1909), comissionário da Educação dos EUA entre 1889 e 1906, dentre outros reitores e professores de diversas universidades e escolas estadunidenses. Sua fama chegou aos educadores brasileiros em razão da proximidade com aqueles que trouxeram materiais e métodos didáticos estadunidenses.

Duas educadoras podem ser identificadas neste processo: uma é Miss Marcia Ellis Browne (1845-?), estadunidense que atuou como diretora da ala masculina da Escola Modelo (um laboratório para as práticas pedagógicas semelhante aos *Training School* estadunidenses), vinculada à Escola Normal de São Paulo; a segunda é Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1842-1929), brasileira que estudou nos EUA o seu sistema educacional, e foi, igualmente diretora, mas da ala feminina, da mesma instituição. Ambas participaram da criação dessa escola em 1890 (Marcílio, 2019; Golombek, 2016). Além disso, membros editoriais de revistas dedicadas à educação, como a Revista de Ensino, estavam ligados tanto à Escola Normal da capital paulista quanto à sua Escola Modelo.

A *Revista de Ensino* fazia referência às obras de Parker desde a sua primeira edição, mas foi um livro organizado por seu primeiro editor que trouxe maior atenção à questão dos livros para a formação de professores. Em *Palestras sobre Ensino* há um capítulo dedicado ao Ensino de História. Neste capítulo, na tradução em português, encontra-se orientações que expressam sua perspectiva positivista sobre a educação, a começar com sua frase inaugural: “O principal fim pratico do ensino dessa disciplina é guiar os nossos passos para o progresso social, político e religioso” (Parker, 1909, p. 144). Ao longo do texto, observa-se a defesa de que o Ensino de História deve incutir nas crianças o amor à pátria, razão pela qual o professor deveria apresentar modelos históricos que sejam previamente legitimados. Em outras palavras, verifica-se uma instrumentalização da História para a internalização de valores da elite política de

determinado período. Esse processo ultrapassou a formação de professores da Primeira República, como no caso do Brasil, e se perpetuou quando a formação docente se consolidou como curso superior. Algumas evidências disso podem ser observadas na retratação midiática das aulas de História, especialmente quanto à postura dos professores, contudo, ao retratar a reação dos alunos, é possível identificar a proposição de Sílvio Gallo acerca da “educação menor”.

Na série brasileira *Cidade dos Homens*, a primeira cena apresenta uma aula sobre as “Invasões Napoleônicas”. A professora utiliza um projetor com imagens de Napoleão e explicações retiradas de livro didático. Um aluno questiona o que está escrito, recebe resposta breve e continua fazendo perguntas, mas a docente as trata com insignificância. Enquanto isso, ele desenha um barco em seu caderno e imagina batalhas, enquanto a professora acelera os slides e ignora as intervenções, tornando a explicação quase incompreensível. Em determinado momento, o estudante pergunta sobre as armas usadas, relacionando com as que conhece, mas novamente é desconsiderado. A cena retorna mais tarde à sala de aula: os alunos fazem bagunça e, ao serem questionados, demonstram não se lembrar da aula anterior. A professora ameaça cancelar um passeio caso não consigam reproduzir o conteúdo. O aluno que desenhava se oferece para explicar a matéria em troca da manutenção da atividade. Ele inicia observando um mapa da Europa e, com linguagem de seu cotidiano, faz um paralelo entre as invasões napoleônicas e a dominação de um morro por outro, destacando a busca pelo controle total.

Na série estadunidense *Zack e Cody: Gêmeos em Ação*, o episódio começa com a visita de uma senhora negra. Em sala de aula, o professor afirma que a década de 1940 foi “fascinante”, repreende um aluno que dormia e propõe como tarefa a escolha de um fato marcante do período para escrever em três páginas. Em casa, o aluno desinteressado declara que nada relevante havia acontecido, mas é interpelado pela visitante, que sugere escrever sobre Hugh Mulzac (1886-1971), marinheiro negro certificado como capitão na década de 1920 e que, em 1942, comandou o primeiro navio com tripulação integrada dos EUA. O relato desperta seu interesse, e ele decide basear-se nas memórias da senhora. De volta à escola, o aluno demonstra entusiasmo, mas recebe nota baixa. O professor justifica dizendo que, segundo o livro didático, tal fato ocorreu em 1948, e não em 1942. O estudante argumenta que se referia à Marinha Mercante, não abordada no material, mas é acusado de inventar a história e punido com detenção. Na cena final, a senhora confronta o docente, levando um jornal da época com foto do navio, da tripulação e a data correta. Diante da prova, o professor admite que o livro didático estava equivocado.

Portanto, no episódio da série brasileira há uma clara contraposição entre o modelo escolar tradicional, a apresentada pelo livro do Parker, do roteiro didático, memorização, com a perspectiva da “educação menor” de Sílvio Gallo, que valoriza a apropriação singular e a criatividade do conhecimento pelos alunos, ao unir o conhecimento prévio com o conhecimento acadêmico. Já a série estadunidense, ilustra a tensão que as “novas” fontes históricas, fruto das historiografias do século XX e XXI, que são a memória, a oralidade, tem com os documentos oficiais, que são validados pela historiografia do século XIX, dos quais dão autoridade ao livro didático tradicional, pois apenas quando um documento oficial é apresentado que há o reconhecimento de outra fonte. O enfrentamento também remete à “educação menor” de Gallo.

4. Conclusão

Os livros didáticos, seja na formação de professores, seja na educação básica são instrumentalizados para que, no Ensino de História, sejam portadores de uma memória única legitimada. No caso da formação docente, esse processo é ainda mais significativo, pois limita a possibilidade de preparar educadores capazes de questionar, selecionar e produzir conhecimentos próprios. Ao serem submetidos a materiais apostilados e padronizados, futuros professores são formados dentro de um modelo que privilegia a reprodução de conteúdo, com importância única a apreensão de métodos, em detrimento da pesquisa, da crítica e da autonomia intelectual.

A partir de Foucault, compreende-se que tais materiais operam como dispositivos de disciplinamento e biopolítica, moldando não apenas o que se ensina, mas também como o professor deve ensinar, instaurando práticas de vigilância e controle sobre sua atuação. A análise das séries *Cidade dos Homens* e *Zack e Cody: Gêmeos em Ação* ilustra esse fenômeno: no primeiro caso, a professora encarna a docência presa ao roteiro didático, incapaz de dialogar com as perguntas dos alunos; no segundo, o conflito entre memória viva e livro didático revela como a autoridade docente é condicionada pela validação do material escrito.

Assim, a formação de professores, quando reduzida à dependência dos livros didáticos, reproduz e perpetua uma lógica hegemônica, fragilizando a capacidade crítica e a criatividade pedagógica. Reconhecer esse caráter instrumentalizador é essencial para reivindicar uma formação que valorize a pluralidade, a micropolítica das práticas cotidianas e a constituição de educadores autônomos, capazes de romper com a imposição de uma memória única e de construir uma “educação menor”.

5. Referências bibliográficas

A Coroa do Imperador. CIDADE dos Homens. Criação de Kátia Lund e Fernando Meirelles. Direção de Fernando Meirelles. Brasil: TV Globo, 2002. 28 min, son., color. Temporada 1, episódio 1. Exibição original: 15 out. 2002. Disponível em: <https://youtu.be/FWOJqtyAB8w?feature=shared>. Acessado em: 07 set. 2025.

A Nugget of History. THE Suite Life of Zack & Cody (Zack e Cody: Gêmeos em Ação). Criação de Danny Kallis. Direção de Richard Correll. Estados Unidos da América: Disney Channel, 2007. 23 min, son., color. Temporada 2, episódio 32. Exibição original: 01 jun. 2007. Série exibida pelo Disney+. Acesso em: 07 set. 2025.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo, Cortez, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GALLO, Sílvio. Em Torno de uma Educação Menor. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2002.

GOLOMBEK, Patrícia. **Caetano de Campos: a escola que mudou o Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

INSTITUTO SEMESP. Dados Brasil – 15ª edição / 2025. Mapa do Ensino Superior no Brasil – 15ª edição / 2025. São Paulo: Instituto Semesp, 2025. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/mapa/educacao-15/brasil/>. Acesso em: 07 set. 2025.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da Escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Instituto Braudel; Imprensa Oficial do Governo do Estado de São Paulo, 2019.

PARKER, Francis Wayland. **Palestras sobre Ensino**. Campinas, Typ. “Livro Azul” – A. B. de Castro Mendes, 1909.

THE Flaming Spittoon Acquisition. THE Big Bang Theory (Big Bang, a Teoria). Criação de Chuck Lorre e Bill Prady. Direção de Mark Cendrowski. Estados Unidos da América: CBS, 2011. 21 min, son., color. Temporada 5, episódio 10. Exibição original: 17 nov. 2011. Série exibida pela HBO Max. Acesso em: 07 set. 2025.